

A Vivência da Parentalidade por Casais Homossexuais: Revisão Sistemática de Teses e Dissertações

Andriela Bassani dos Santos¹

Tatiele Jacques Bossi²

Resumo

O presente estudo teve como objetivo investigar a vivência da parentalidade por casais homossexuais, tendo como base os eixos preconizados por Houzel: exercício, experiência e prática da parentalidade. Foi realizada uma revisão sistemática de teses e dissertações defendidas entre 2009 e 2019, e acessadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. A análise qualitativa dos dados, através de análise temática dedutiva, revelou que o sentimento de família e a respectiva pertença de seus membros não está atrelada à orientação sexual, mas sim aos vínculos de amor, cuidado, educação e proteção. No entanto, pais e mães homossexuais enfrentam desafios diferenciados dos vivenciados por casais heterossexuais, como os relativos ao reconhecimento legal dos filhos, as preocupações quanto ao impacto da homoparentalidade no psiquismo filial, bem como a reação dos filhos frente à orientação sexual dos pais. Destaca-se a necessidade de mais estudos, a fim de dar maior visibilidade ao fenômeno.

Palavras-chaves: pais homossexuais, homoparentalidade, família, papel dos pais

The Experience of Parenthood by Homosexual Couples: Systematic Review of Dissertations and Theses

Abstract

This study aimed to investigate the experience of parenthood among homosexual couples, based on the axes recommended by Houzel: exercise, experience and practice of parenting. A systematic review of dissertations and theses defended between 2009 and 2019 was carried out and accessed at the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations. The qualitative analysis of the data, through deductive thematic analysis, revealed that the feeling of family and the respective belonging of its members is not linked to sexual orientation, but to the bonds of love, care, education and protection. However, homosexual fathers and mothers face different challenges from those experienced by heterosexual couples, such as those related to the legal recognition of their children, concerns about the impact of homoparenthood on the filial psyche, as well as the children's reaction to the sexual

¹ Psicóloga graduada pelo Centro Universitário da Serra Gaúcha – FSG/Caxias do Sul/RS.

² Professora Adjunta do Curso de Psicologia da FACEFI – Faculdade do CEFI, Porto Alegre/RS. Pesquisadora do Núcleo de Infância e Família – NUDIF/UFRGS. Psicóloga clínica.

orientation of the parents. The need for further studies is highlighted in order to give greater visibility to the phenomenon.

Keywords: *homosexual parents, homoparenthood, family, parental role*

Introdução

Na contemporaneidade, o conceito de parentalidade é investigado em estudos sobre família, cuidados parentais e relações entre pais e filhos. O termo é objeto de interesse de diversas áreas do conhecimento, como filosofia, antropologia, sociologia e psicologia, em especial pelas reflexões e atualizações necessárias acerca das novas configurações familiares. Autores mencionam que o tema desafia fundamentos e princípios antigos para que possam ser realizadas transformações nos dias atuais (Gorin et al. 2015).

Parentalidade pode ser definida como um movimento que envolve o tornar-se pai e mãe, não somente no âmbito biológico, mas também no psíquico. Segundo Houzel (2004), deve-se considerar três eixos em torno das funções adquiridas pelos pais, sendo o exercício, a experiência e a prática da parentalidade. O primeiro eixo referente ao exercício da parentalidade abrange o campo jurídico e transcende a subjetividade do indivíduo e seus comportamentos. Trata-se da organização da estrutura familiar, incluindo os direitos e os deveres dos pais, a abrangência da pertinência, da filiação e da aliança dos membros, onde através dessa as leis estritas são formadas e respeitadas, condicionando a estabilidade e as condições de funcionamento da instituição familiar.

Já o segundo eixo preconizado por Houzel (2004), relativo à experiência da parentalidade, se refere à experiência subjetiva consciente e inconsciente de se tornar pai ou mãe. Esse eixo reflete, basicamente, o desejo pela criança e a tentativa de reparação da relação do próprio genitor com os seus pais. Além disso, retrata o processo de transição à parentalidade, mais conhecido e documentado na experiência das mães, onde elas centralizam seus investimentos no bebê e nas tarefas maternas, através de toda idealização do filho, fantasias regressivas e memórias infantis.

Por fim, o terceiro eixo se refere à prática da parentalidade, que designa as tarefas cotidianas que os pais executam junto à criança, ou seja, os cuidados nos campos físico e psíquico. Trata-se da satisfação das necessidades do bebê, onde através desta serão descobertas as competências do recém-nascido, gerando a comunicação dele com o seu meio. É através das trocas entre pais e filhos que ocorrem as interações comportamentais e afetivas. Além destas, existem as interações fantasmáticas, que dizem respeito à organização da função da história, do funcionamento e da personalidade dos pais e do casal que se refletem na forma de cuidar de seu bebê. Também existem as interações simbólicas que abrangem a transmissão dos aspectos da família, do indivíduo e de sua filiação (Houzel, 2004).

Em resumo, parentalidade trata-se de um conceito utilizado para marcar a grandeza do processo de construção psíquica da atividade dos pais para com os filhos. Gorin et al. (2015) afirmam que o processo de se tornar pai e mãe é marcado pelo contexto social, cultural e econômico do casal, além de englobar a subjetividade de cada indivíduo e sua respectiva história de vida, não se tratando apenas de uma função biológica. Os autores reforçam que a chegada de um novo membro em uma casa

movimenta diversos aspectos de cada par, o que ocasiona que venham à tona os medos, inseguranças, ideais, modelos dos pais, lembranças de infância e expectativas acerca do futuro.

Segundo Caniço (2015), pode-se definir família, por um viés tradicional, como um grupo de pessoas com afinidade sanguínea, adoção ou casamento, envolvendo marido, esposa e filhos solteiros que coabitam entre si. O autor destaca que a família é o primeiro agente social que implica na promoção de saúde, bem-estar e desenvolvimento, permitindo que o sujeito se perceba e perceba o mundo. Estão agregados a isso os modelos e papéis aprendidos, os mitos e os comportamentos, indicando os padrões familiares. Ainda segundo o autor, frente às mudanças na sociedade, é possível ver diferentes configurações familiares, o que inclui família nuclear, tios, avós, padrinhos e até mesmo amigos. Além disso, é possível encontrar casais dividindo tarefas, cuidados, sustento familiar, e casais em uniões consensuais de parceiros separados ou divorciados, casais sem filhos, casais com filhos adotivos, e, em especial para o presente estudo, os casais homossexuais (Caniço, 2015).

Dentre as diversas formas de família, aquelas compostas por casais homossexuais tem proporcionado discussões e debates sobre o conceito de homoparentalidade. Machin (2016) define homoparentalidade como o desejo, o envolvimento e a prática da parentalidade por casais homossexuais. Ou seja, não deixa de ser, basicamente, uma transposição dos três eixos da parentalidade preconizados por Houzel (2004) e destacados anteriormente, para o contexto dessa vivência por casais homossexuais.

Cabe ressaltar que, socialmente, é colocada uma expectativa em cima de casais heterossexuais para impulsionar a reprodução, a perpetuação e a preservação da espécie, dado que a família é vista como responsável pela segurança essencial do ser humano (Wanssa, 2010). No entanto, tal expectativa não é percebida e nem sequer estimulada com a mesma intensidade frente aos casais homossexuais (Silva et al., 2017). Inclusive, há estudos que mostram um menor desejo pela parentalidade entre as pessoas homossexuais, quando comparado aos heterossexuais (Shenkman et al., 2019; Tate & Patterson, 2019), o que pode ser, de certo modo, um reflexo dessa baixa expectativa colocada a eles para constituírem família com filhos. Apesar da força do preconceito, há diferentes formas dos casais homossexuais terem filhos, como pela adoção, reprodução medicamente assistida e barriga solidária. Tais evoluções médicas e sociais acabam por interrogar o conceito de família e de parentesco presentes na sociedade e em produções científicas tradicionais (Vitule et al., 2017).

Frente a esta realidade cada vez mais frequente, tem-se gerado um debate sobre o impacto psíquico de uma família homoparental para os filhos. Embora os estudos científicos ainda não tenham avançado a ponto de sugerir uma resposta conclusiva, algumas publicações mostram que a visão e a forma que os filhos lidam com a orientação sexual dos pais está presente, o que não acontece com filhos de heterossexuais. Ainda, crianças de famílias homossexuais apresentam níveis variados de percepção quanto à compreensão do que é ser homossexual ou pertencer a uma família homoparental (Xavier et al., 2015). Ademais, é possível perceber que crianças com idades menores apresentam menos dificuldades em aceitar a orientação sexual dos pais, fato este que não ocorre tão facilmente em crianças mais velhas ou adolescentes. Estes já possuem um conhecimento maior acerca do tema e estereótipos presentes na sociedade, onde podem internalizar práticas mais preconceituosas (Xavier et al. 2015).

Relacionado à homoparentalidade, o estudo de Santos e Santana (2015) revela que a realidade não-tradicional desses casais tem forçado a sociedade a pensar em relações de parentesco através de diferentes perspectivas. No entanto, o entendimento da parentalidade por casais homossexuais ainda se encontra distante da realidade social, onde falta conhecimento, esclarecimento e conscientização acerca da temática. Isso ficou explícito no estudo de Gato et al. (2012) desenvolvido em Portugal, com estudantes universitários das áreas de humanas, saúde e educação. Constatou-se que a parentalidade heterossexual foi mais bem avaliada pelos participantes do que a homossexual. Além disso, consideravam que no caso das lésbicas a adoção poderia ser realizada mais facilmente pela pessoa solteira, e não pelo casal. Tal aspecto remete, segundo os autores, a uma visão heteronormativa de parentalidade e de família.

Com base no exposto, pode-se perceber a complexidade do tema da homoparentalidade, ao considerar suas expressões e arranjos. Os estudos tendem a destacar o quanto ainda existem questionamentos cobertos de preconceitos, crenças negativas e enraizadas, fato que contribui para julgamentos discriminatórios sobre as novas configurações familiares (Blankenheim et al., 2018; Ribeiro et al., 2017; Santos & Santana, 2015). Por exemplo, o estudo de Rodriguez e Gomes (2012) com o objetivo de promover a reflexão sobre os modelos familiares, com ênfase nas famílias homoparentais, destacou que o preconceito é fator chave para a dificuldade de exercer a homoparentalidade. Além disso, o estudo constatou que por muitas vezes há a ausência de redes de apoio, tanto pelos familiares como pela sociedade, fazendo com que esses casais precisem enfrentar desafios ainda maiores a fim de romper a crença de que homossexuais são incapazes de estabelecer relações estáveis e de constituir família.

Já o estudo de Amazonas et al. (2013), com o objetivo investigar o surgimento do desejo de se tornar pai, por meio da experiência de três homens gays com filhos adotivos, mostrou que o desejo de ter filhos surgiu de formas diferentes em cada um dos entrevistados. Além disso, o estudo revelou que os pais eram amistosos e amorosos com seus filhos, e que a experiência da parentalidade acionou novos elementos em suas vidas, não permitindo que a discriminação se tornasse empecilho para cultivar o afeto nesta relação.

Sabe-se, também, que em diversos locais do mundo a homossexualidade ainda é considerada doença ou até mesmo um crime. No âmbito nacional, Souza et al. (2018) mostram que o Brasil, mesmo não considerando legalmente crime ou doença ser homossexual e permitindo o casamento e a adoção por casais do mesmo sexo, é um dos países com maior índice de LGBTfobia no mundo, e atribuído a isso estão os altos índices de homicídios por questões de sexualidade e gênero.

Segundo o relatório sobre violência homofóbica no Brasil (Brasil, 2016) foram reportadas, em 2013, 9,31 violações de direitos humanos de caráter LGBTfóbico diariamente. No ano de 2018 os dados mostram que 420 LGBTs morreram no país, vítimas de intolerância, sendo 320 assassinatos e 100 suicídios (Michels & Mott, 2019). Esses números retratam que a violência frente às diferenças sexuais e de gênero, o que inclui as pessoas homossexuais, é um problema enraizado culturalmente, o que o torna persistente, naturalizado e negligenciado.

Frente a isso, se percebe a necessidade de explorar o tema pelas características que ele apresenta, além dos desafios que ainda devem ser enfrentados para que se haja maiores discussões

e debates, a fim de minimizar os preconceitos e a falta de informações, aumentando o conhecimento das diversas áreas sociais que se entrelaçam ao assunto. Assim sendo, o objetivo deste estudo foi investigar a vivência da parentalidade por casais homossexuais. Em particular, buscou-se entender essa vivência tendo como base os eixos da parentalidade preconizados por Houzel (2004), sendo o exercício, a experiência e a prática da parentalidade.

Método

Foi realizada uma revisão sistemática de teses e dissertações defendidas entre 2009 e 2019 e acessadas através da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Para a busca, foram utilizados os seguintes descritores: “homoparentalidade e psicologia”; e, “parentalidade, homossexuais e psicologia”, selecionando como período de busca os anos de 2009 a 2019 (busca realizada em agosto de 2019). Ao todo foram encontradas 11 teses e 31 dissertações que foram classificadas a partir dos seguintes critérios de inclusão: (a) ser estudo empírico; (b) ter como participantes, ou como foco do estudo, casais homossexuais que se tornaram pais; e, (c) estudos cujo foco principal era a vivência da parentalidade por casais homossexuais.

Após a análise inicial, foram excluídas aquelas referências repetidas entre os descritores (n=10) e aquelas que se utilizaram somente de revisão da literatura (n=4). Também foram excluídas aquelas que não tinham como participantes casais homossexuais que se tornaram pais (n=7), e que não apresentavam como foco principal a vivência da parentalidade por casais homossexuais (n=9). Com isso, foram considerados para análise final 12 estudos, sendo cinco teses e sete dissertações. A Figura 1 apresenta o fluxo de seleção dos documentos, a partir dos critérios de inclusão e exclusão. Todas as etapas de coleta e análise dos dados foram realizadas por duas pesquisadoras de modo independente, e em caso de divergências buscou-se o consenso.

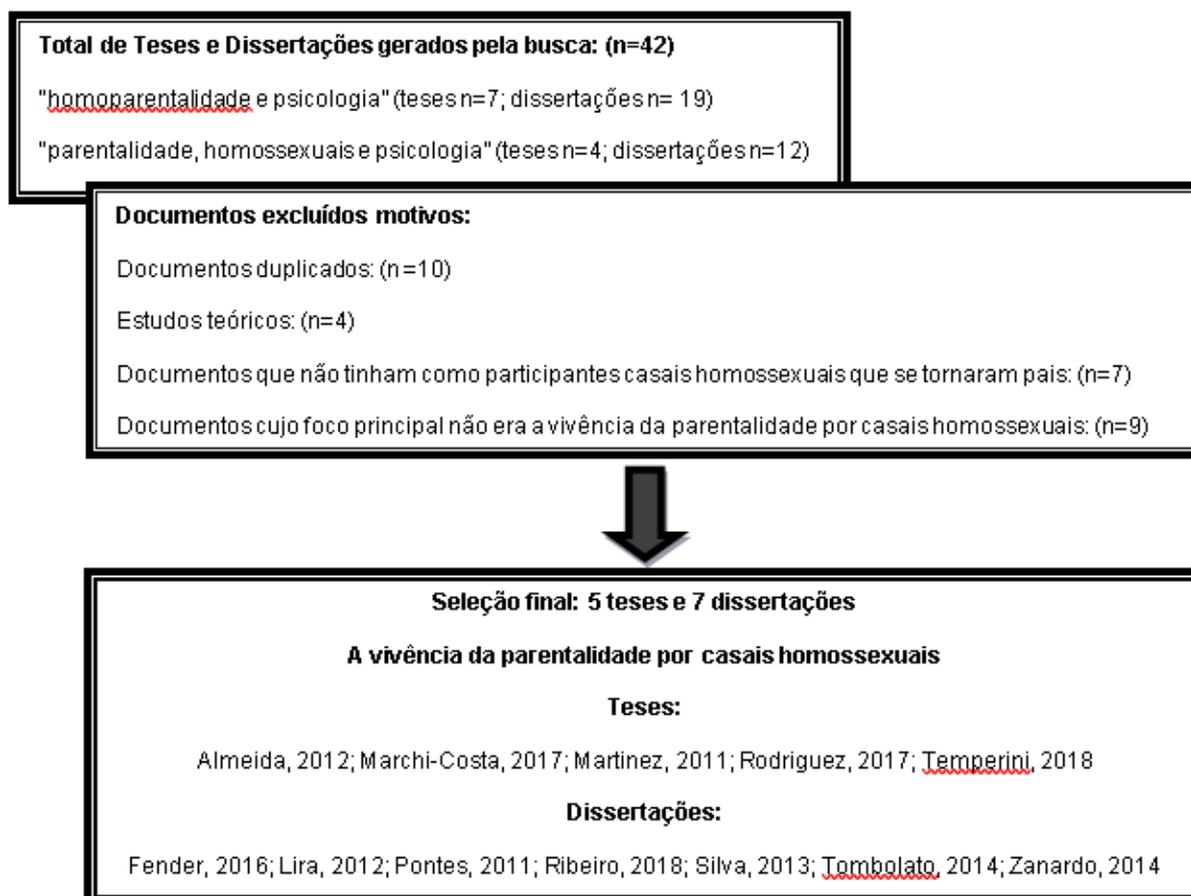


Figura 1. Diagrama do fluxo de seleção das teses e dissertações

Resultados

As teses e dissertações foram analisadas qualitativamente através de análise temática dedutiva (Braun & Clarke, 2006), de modo que foram classificadas em três grandes categorias temáticas, definidas *a priori*, a saber: (a) Caracterização das amostras; (b) Características metodológicas; e, (c) Vivência da parentalidade por casais homossexuais: o exercício, a experiência e a prática da homoparentalidade. A seguir serão destacadas cada uma das categorias e ilustradas a partir das teses e dissertações selecionadas.

Caracterização das Amostras

Nesta categoria foram descritas as características dos participantes das teses e dissertações analisadas. Constatou-se que em alguns estudos a amostra constituiu-se de casais homossexuais de homens e mulheres (amostra mista) que responderam sobre a vivência da homoparentalidade (Marchi-Costa, 2017; Ribeiro, 2018; Tombolato, 2014; Zanardo, 2014). Já dois estudos consideraram como participantes da pesquisa apenas casais femininos (Martinez, 2011; Silva, 2013), e outros apenas casais masculinos (Almeida, 2012; Rodriguez, 2017; Temperini, 2018). Cabe ressaltar, ainda, que três estudos consideraram como participantes um dos membros do casal, sendo que destes, dois entrevistaram mulheres (Lira, 2012; Pontes, 2011) e somente um entrevistou homens (Fender, 2016).

Tratando-se da idade dos participantes, esta variou entre 27 e 65 anos, independentemente do sexo dos entrevistados. É importante salientar que todos os participantes já possuíam filhos, sendo biológicos, adotados ou por fertilização. A idade destes filhos variou entre seis meses a 27 anos.

Características Metodológicas

Nesta categoria foram descritas, de forma breve, as características metodológicas dos estudos. Em relação ao delineamento dos 12 estudos analisados, verificou-se que a grande maioria privilegiou o método qualitativo. Apenas um estudo utilizou-se de método misto (Temperini, 2018). Com relação à coleta de informações, todos os estudos coletaram dados em apenas um momento específico de tempo, o que caracteriza o delineamento transversal.

Tratando-se da coleta de dados, a maioria dos estudos utilizou-se de entrevistas. Destes, três estudos utilizaram entrevista semiestruturada individualmente com cada membro dos casais (Almeida, 2012; Fender, 2016; Ribeiro, 2018) e outros três utilizaram de entrevista semiestruturada individualmente e, posteriormente, em conjunto (Marchi-Costa, 2017; Pontes, 2011; Tombolato, 2014). Ainda, uma dissertação utilizou entrevista estruturada fechada com os membros do casal ao mesmo tempo (Temperini, 2018) e outra utilizou entrevista aberta individualmente (Lira, 2012). Por exemplo, o estudo de Ribeiro (2018), com o objetivo de investigar os sentidos afetivo-emocionais da experiência parental de casais homossexuais, teve como instrumento de coleta de dados entrevistas individuais, registrando os encontros sob a forma de narrativas transferenciais e interativas.

Para além do uso de entrevista, um estudo utilizou, também, o instrumento Desenho de Família com Estórias e Entrevista Familiar Diagnóstica (Martinez, 2011). Outro estudo considerou, além da entrevista individual e com o casal, o uso de um Questionário Socioeconômico (Zanardo, 2014). Além disso, um estudo utilizou o instrumento Genograma, acompanhado de entrevista individual (Rodriguez, 2017). Por fim, um estudo coletou as informações por meio de relato de experiências vivenciadas sobre a homoparentalidade pela via da adoção (Silva, 2013).

Os estudos qualitativos analisaram os resultados por meio de livre inspeção do material a partir do referencial psicanalítico (Lira, 2012; Martinez, 2011), análise pelo referencial psicanalítico através do método clínico-qualitativo (Rodriguez, 2017), método de explicação do discurso subjacente (Pontes, 2011), análise temática (Fender, 2016), análise temática a partir do método fenomenológico hermenêutico (Marchi-Costa, 2017), análise de conteúdo (Tombolato, 2014; Zanardo, 2014), além de análise de conteúdo a partir do aporte teórico da psicanálise (Almeida, 2012; Ribeiro, 2018). Cabe destacar, ainda, que uma dissertação realizou análises qualitativas sem especificar o tipo (Silva, 2013). Já a tese de Temperini (2018), que se utilizou de método misto, procedeu a análise quantitativa através de estatísticas descritivas e a análise qualitativa por meio da Grounded Theory.

Vivência da Parentalidade Por Casais Homossexuais: O Exercício, a Experiência e a Prática da Homoparentalidade

Nessa categoria foi descrita, de forma breve, a vivência da parentalidade por casais homossexuais, sendo essa dividida nos três eixos da parentalidade, preconizados por Houzel (2004), configurando-se

como subcategorias, a saber: *exercício, experiência e prática da homoparentalidade*. Cada uma das subcategorias será descrita separadamente, para fins de análise e organização didática do texto.

Dos 12 estudos analisados, 11 se enquadraram na subcategoria *exercício da homoparentalidade*, que se refere ao campo jurídico, incluindo os direitos e os deveres dos pais perante os filhos. A maioria dos estudos evidenciou que os casais enfrentaram dificuldades no processo de reconhecimento da dupla maternidade na justiça, em casos de inseminação artificial, fertilização in vitro e adoção, além da falta de regulamentação jurídica, preconceito e sentimento persecutório quanto ao deferimento ou indeferimento do pedido (Almeida, 2012; Lira, 2012; Martinez, 2011; Pontes, 2011; Silva, 2013; Temperini, 2018; Zanardo, 2014). É importante salientar que todos os estudos apresentaram participantes que conquistaram o direito de constituir família perante a justiça, mesmo com os empecilhos imposto pelos profissionais que acompanharam seus casos.

O estudo de Pontes (2011) revela as implicações que estes obstáculos trazem para os casais homossexuais, visto as incertezas frente ao reconhecimento legal da guarda compartilhada, como consequências na vida das crianças, com relação à moradia e situação financeira, falecimento de um dos cônjuges, possível separação do casal e outras vulnerabilidades. Em outros dois estudos, foi possível perceber diversas tentativas de adoção, onde os pedidos foram negados visto que, anteriormente a 2009 (considerando a coleta de dados dos estudos analisados), não havia legislação que permitisse a adoção por casais homossexuais (Ribeiro, 2018; Tombolato, 2014). Vale ressaltar que em um dos processos do estudo de Tombolato (2014), na primeira tentativa de adoção em 1998, o juiz do caso alegou que não concederia a guarda, pois se tratava de um casal anormal. Já em outro caso, um casal foi impossibilitado de apadrinhar uma criança em um abrigo, por se tratar de um casal de mulheres. Frente à aprovação da lei, em 2009, todos conquistaram o direito de constituir família com filhos.

Ainda se tratando dos obstáculos enfrentados, pode-se perceber as inseguranças refletidas nos processos de constituição de família. Ressalta-se o estudo de Zanardo (2014), em que um casal relatou diversos questionamentos próprios tais como “como é que vão dar uma criança para dois homens cuidarem?”. Porém, passado o tempo de adaptação, a adoção ocorreu normalmente, sem dificuldades. Já no estudo de Lira (2012) foi relatado uma gravidez por intermédio de um terceiro, em que segundo uma das mães, a legislação brasileira não aceitou o registro e a guarda compartilhada delas, de modo que uma precisou ser designada, apenas, como madrinha da criança.

Apenas dois estudos definiram o processo de adoção como sem dificuldades ou preconceitos, alegando que os profissionais da área jurídica não os distinguiram por questões ligadas à orientação sexual do casal (Fender, 2016; Rodriguez, 2017). Ainda, uma tese não relatou como se deu os processos de inseminação artificial, fertilização in vitro e adoção nos casais homossexuais acessados para o estudo (Marchi-Costa, 2017).

Com relação ao segundo eixo da parentalidade, dos 12 estudos analisados, 10 se enquadraram na subcategoria *experiência da homoparentalidade*, que se refere à experiência subjetiva de se tornar pai ou mãe. Muitos estudos evidenciaram que os casais, durante o processo de constituir uma família, sofreram com sentimentos de ansiedade, medo, vulnerabilidade, angústia e sofrimento frente a espera e expectativa quanto ao futuro (Almeida, 2012; Fender, 2016; Pontes, 2011; Rodriguez, 2017;

Temperini, 2018; Zanardo, 2014). Alguns estudos mostraram que os casais se manifestavam bastante preocupados quanto às características físicas das crianças que seriam geradas por fertilização in vitro e inseminação artificial, havendo a necessidade de semelhança entre mãe e filho, por exemplo (Martinez, 2011; Pontes, 2011; Ribeiro, 2018). Em contrapartida, três estudos evidenciaram que casais que pretendiam adotar se mostravam indiferentes quanto a essas características, ampliando a busca por crianças com idades avançadas, raças diferentes ou algum tipo de deficiência, alegando que essa semelhança não precisaria aparecer externamente, e sim internamente (Fender, 2016; Lira, 2012; Ribeiro, 2018).

Frente à concepção de família, a maioria dos estudos evidenciou que esta era vista como uma construção de um lar, onde através dela seria possível se tornar um indivíduo completo e realizado, além de se tratar de uma necessidade básica do ciclo vital (Fender, 2016; Lira, 2012; Marchi-Costa, 2017; Pontes, 2011; Temperini, 2018; Tombolato, 2014). Ainda, alguns estudos mostraram que o desejo da paternidade ou maternidade sempre esteve presente na vida dos casais (Fender, 2016; Lira, 2012; Marchi-Costa, 2017; Pontes, 2011; Ribeiro, 2018; Silva, 2013; Temperini, 2018). Entretanto, dois estudos ressaltam que um dos cônjuges não esboçava desejo de constituir família, mas foi convencido pelo companheiro (Marchi-Costa, 2017; Rodriguez, 2017).

Vale destacar que o estudo de Silva (2013) revelou que os casais entrevistados optaram pela fertilização in vitro, onde um dos casais utilizou embriões de ambas as companheiras, e outro realizou diversas tentativas de fertilização, por uma das mulheres não aceitar a doação de óvulos da esposa, frente ao grandioso desejo de ser a mãe biológica e gerar um filho. Outros dois estudos apresentaram que a manifestação pelo desejo de adotar veio através da convivência com os sobrinhos (Rodriguez, 2017; Tombolato, 2014), e em um estudo, esse desejo veio através de uma reportagem sobre adoção por casais homossexuais (Ribeiro, 2018). Já dois estudos não informavam dados sobre a origem do desejo da parentalidade (Almeida, 2012; Zanardo, 2014).

Ainda, três estudos mostraram casais preocupados quanto à orientação sexual do filho, visto que a sociedade insiste em pensar que por serem educados por pais homossexuais se tornariam também homossexuais (Martinez, 2011; Temperini, 2018; Tombolato, 2014). Por exemplo, no estudo de Temperini (2018) foi possível perceber que alguns pais temem a homossexualidade dos filhos, pelo fato de repetirem as histórias de preconceito que enfrentaram. Além de temerem a homossexualidade dos filhos, um estudo demonstrou casais de mulheres que escondem sua própria sexualidade dos filhos e, desse modo, foi possível afirmar que esse preconceito social reflete diretamente na experiência da parentalidade (Martinez, 2011).

Por fim, dos 12 estudos analisados, 10 se enquadraram na subcategoria *prática da homoparentalidade*, que diz respeito a rotina de cuidados dispensada aos filhos. Todos os estudos analisados apresentaram que a rotina diária de famílias homoparentais se assemelhava a de família heteroparentais, visto que havia a participação ativa na vida dos filhos, além da tentativa de repassar valores e ensinar a respeitar e adquirir responsabilidades. A maioria das teses e dissertações mostrou que os cuidados, tarefas e funções do dia a dia, tais como dar banho, levar para a escola, cortar unha, alimentação, colocar para dormir, etc. eram divididos entre ambos os pais e mães (Fender, 2016; Lira, 2012; Marchi-Costa, 2017; Martinez, 2011; Ribeiro, 2018; Rodriguez, 2017; Silva, 2013; Temperini,

2018; Tombolato, 2014; Zanardo, 2014). Destes, apenas dois estudos contavam com casais que dispunham de uma cuidadora para auxiliar nessas tarefas (Fender, 2016; Rodriguez, 2017).

Quanto às funções materna e paterna, cinco estudos evidenciaram que os casais se dividiam, onde um dos cônjuges desempenhava um papel rígido, mais limitado ao cumprimento de regras, enquanto o outro era mais amoroso e cuidadoso (Martinez, 2011; Ribeiro, 2018; Silva, 2013; Temperini, 2018; Tombolato, 2014). Por exemplo, o estudo de Ribeiro (2018) cita que na prática da parentalidade um dos pais é mais rígido e toma a frente, enquanto o outro é mais brincalhão e permissivo.

Além disso, é importante ressaltar que quatro estudos destacaram que, com a chegada de uma criança na família, houve mudanças de hábitos e de rotina, fazendo com que os casais transformassem seus comportamentos e identidade e se distanciassem um do outro (Fender, 2016; Martinez, 2011; Ribeiro, 2018; Rodriguez, 2017). Junto a isso, houve disputas de atenção entre o casal, queda nas relações sexuais, discussões recorrentes e sentimentos como o temor e o medo de perder o filho para um dos cônjuges ou separar-se dele foram relatos frequentes. É possível perceber essas características no estudo de Martinez (2011) onde ficou evidenciada a relação dos membros de um casal que se mantiveram juntos, ligados pelo sentimento pelos filhos, não tanto pelo amor entre si, visto que frequentemente havia desentendimentos ligados à rivalidade entre cada mãe.

Discussão

O presente estudo buscou investigar a vivência da parentalidade por casais homossexuais, com base em uma revisão sistemática da literatura. Especificamente, buscou-se entender essa vivência tendo como base os seguintes eixos: exercício, experiência e prática da homoparentalidade (Houzel, 2004). O que se constatou nos estudos analisados para esta revisão é que o sentimento de família e a respectiva pertença de seus membros não está atrelada à orientação sexual, mas sim aos vínculos de amor, cuidado, educação e proteção. Além de indicar que as famílias homoparentais apresentam características e funções muito comuns a qualquer tipo de configuração familiar. Sabe-se que a família aparece como um lugar de inscrição, o que implica diretamente na construção da identidade e humanização da criança neste ambiente (Houzel, 2004). Além disso, é nítido que se torna necessário reorganizar os arranjos que interferem na vivência de tornar-se pai e mãe em indivíduos que formam casais homossexuais, nas novas configurações familiares (Machin, 2016).

Frente a isso, é necessário ressaltar que existe uma exigência social de ser pai e mãe em cima de casais heterossexuais para que, entre outros motivos, se continue a perpetuação da espécie (Wanssa, 2010). O que foi evidenciado nos estudos é que essa imposição não é estimulada nos casais homossexuais, visto que o processo de se tornar pai e mãe nesses casais, por vezes, é tumultuado e vulnerável. Além disso, a relação com sua família de origem e a visão da sociedade preconceituosa tende a contribuir para a manutenção de um padrão de família tradicional (Silva et al., 2018) e de uma visão heteronormativa da parentalidade (Gato et al., 2012), o que pode aparecer como forte barreira para que os casais homossexuais conquistem o direito à parentalidade.

Sabe-se que a discriminação da sociedade ainda deve ser enfrentada por casais homossexuais. Santos e Santana (2015) apontam as dificuldades encaradas por esses indivíduos, que refletem

também nas questões legais para reconhecer a parentalidade homossexual. Os estudos analisados tendem a corroborar com essas informações, visto que foi evidenciado sofrimento, ansiedade e preocupação pela resposta do processo de adoção e legalização de guarda compartilhada, o que se reflete no exercício da parentalidade. Em contrapartida, não houve relato do preconceito diretamente por parte dos profissionais da justiça, posteriormente à aprovação da lei em 2009 que dá direito aos casais homossexuais de tornarem-se pais e mães.

Tratando-se das diferentes formas de constituir família em casais homossexuais, foi evidenciado nos estudos que a maioria dos entrevistados que recorreram à adoção não escolhiam as características físicas da criança, sendo que assim abriam o perfil para diferentes idades, raças ou deficiências. Outros métodos de constituir família dizem respeito à reprodução assistida: inseminação artificial e fertilização in vitro. Alguns estudos evidenciaram que os casais, principalmente femininos, que recorreram a estas técnicas tendem a ser mais seletivos quanto às características físicas, procurando doadores com semelhanças com uma das mães. Vitule et al. (2017) explicam essa relação ao afirmar que o desejo de constituir família para as mulheres se difere dos homens, visto que buscam reconhecer no filho gestado a representação e a contribuição biogenética de ambas integrantes no processo. Isso se explica pela capacidade de gestar que as mulheres possuem, e ter um filho com as características semelhantes a elas aparece como uma possibilidade de proporcionar uma filiação que possua laços com ambas, diferentemente dos homens que se limitam, biologicamente, visto que não podem gestar.

Além disso, os estudos tendem a revelar que o processo da parentalidade engloba aspectos do contexto social e cultural de um casal, e abrange a subjetividade e a história de vida dos indivíduos envolvidos nessa relação, o que se reflete na experiência da parentalidade. A chegada de um novo membro em seu lar movimentava diferentes sentimentos, medos e inseguranças em cada parceiro (Gorin et al., 2015). Os autores evidenciaram esses aspectos em seus estudos ao destacar que isso provoca mudança na dinâmica do casal, visto que se altera a rotina e geram-se novos ensinamentos, modos e regras. Além disso, pode ocorrer distanciamento na conjugalidade e discussões, frente à necessidade de adaptação que a chegada de uma terceira pessoa gera em uma casa.

Ademais, frente às diferentes configurações familiares, é possível encontrar casais que além de desempenharem as funções parentais, dividem os cuidados da casa e dos filhos, e o sustento familiar, aspectos relativos à prática da parentalidade. Os estudos analisados corroboram com esses aspectos, visto que a maioria das teses e dissertações demonstraram casais que dividiam igualmente essas tarefas, de acordo com a disponibilidade, facilidade e desempenho de cada um. Por isso, pode-se afirmar que a prática e a experiência da parentalidade por casais homossexuais nada se difere da rotina de casais heterossexuais. Referente às funções parentais, alguns estudos demonstraram que essas são divididas entre os membros do casal, onde um deles encarrega-se da delegação de limites e regras, e outro é mais afetuoso e compreensivo. Nesse aspecto, fica evidente o quanto as funções materna e paterna, conforme preconizado pela psicanálise (Winnicott, 1967/1975), por exemplo, independem do sexo biológico de quem o exerce, tendo em vista que se referem a funções psíquicas. Dessa forma, ambas as funções podem ser exercidas da forma esperada por casais homossexuais, de modo a promover o desenvolvimento psíquico de seus filhos.

Nessa mesma direção, um aspecto importante ressaltado pela literatura diz respeito ao impacto emocional para os filhos de casais homoparentais, visto que estes precisam entender como é pertencer a uma família nesse contexto, fato não necessário para filhos de casais heterossexuais. Xavier et al. (2015) afirmam que crianças com idade mais avançada tendem a apresentar maiores dificuldades em aceitar a orientação sexual dos pais. Esse fato ocorre, segundo os autores, pois essas crianças possuem conhecimento maior sobre o tema e estão mais expostas ao preconceito e estereótipos sociais. Ainda, deve-se enfatizar a importância do diálogo para esclarecer esses comportamentos e conscientizar as crianças (Xavier et al., 2015).

Outrossim, Santos e Santana (2015) reconhecem o quanto o senso comum interfere nas questões ligadas à homossexualidade e à vivência homoparental, visto que a sociedade ainda se encontra retrógrada nesses aspectos. No estudo de Martinez (2011) essa situação é evidenciada pelas próprias mães ao esconderem sua sexualidade dos filhos, além de temerem que estes se tornem homossexuais no futuro, o que sem dúvida impacta na experiência da parentalidade. Tal aspecto pode estar relacionado aos medos referentes ao impacto psíquico de se pertencer a uma família homoparental, de modo que esconder a própria sexualidade aparece como uma atitude de proteção aos filhos. Em contrapartida, a maioria dos estudos analisados apontam que não há indícios destes sentimentos e mascaramento da realidade nos casais entrevistados.

Cabe destacar que os estudos analisados se caracterizam por seu delineamento transversal, o que limita a possibilidade de análises mais aprofundadas a nível desenvolvimental. Sugere-se, para estudos futuros, a possibilidade de abarcar longitudinalmente a criança em crescimento nesse contexto de homoparentalidade, além de acompanhar a dinâmica e os arranjos que essa configuração familiar apresenta.

Ainda, para finalizar, é relevante mencionar algumas limitações deste estudo. Os descritores utilizados na seleção das teses e dissertações analisadas podem não ter captado de forma expressiva os estudos sobre a temática. Além disso, a estrutura de categorias que foram utilizadas na análise dos dados pode não ter permitido o acesso de resultados em sua robustez, uma vez que envolve a vivência da parentalidade nos âmbitos das instâncias consciente e inconsciente, aspecto este difícil de ser captado através de entrevistas, instrumento de coleta de dados mais utilizado na maioria dos estudos. Desse modo, pode-se pensar que um estudo com outra estrutura de categorias pode trazer resultados diferentes e complementares aos deste artigo.

Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo investigar a vivência da parentalidade por casais homossexuais, e pôde responder, aprofundar e compreender essa temática a partir da revisão sistemática da literatura realizada. É importante salientar que os estudos demonstram que esse contexto muito se assemelha às famílias heterossexuais, visto que a pertença de seus membros não está ligada à orientação sexual. Com isso, destaca-se a importância de se pensar e ampliar o entendimento frente às novas configurações familiares e famílias não tradicionais. Sabe-se que a conscientização social e a divulgação de informações sobre o assunto aparecem como facilitadores

para que desfaça o preconceito e a discriminação que esses casais e famílias enfrentam diariamente em suas vidas.

O psicólogo, nesse âmbito, além de estender esse conhecimento, pode auxiliar de forma geral, tanto os anseios, expectativas e insegurança dos pais diante da chegada de um filho em seus lares, tanto na forma da criança lidar com os sentimentos que englobam sua chegada e acompanhar sua vivência e adaptação no contexto que está inserida. Pode-se pensar também nos diferentes modos do processo de adoção, reprodução assistida e barriga solidária, no contexto jurídico e social, para que sejam construídas intervenções mais efetivas e geradoras de desfechos bem-sucedidos para toda família.

Referências

- Almeida, M. R. (2012). *Os processos subjetivos no acolhimento e na adoção de crianças por casal homoafetivo: Um estudo de caso* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital USP. https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-22082012_113812/publico/almeidaM_corrigida.pdf
- Amazonas, M. C. L. A., Veríssimo, H. V., & Lourenço, G. O. (2013). A adoção de crianças por gays. *Psicologia & Sociedade*, 25(3), 631-641. <https://www.scielo.br/j/psoc/a/ZQHvqWhfJJSSxnNmrKWkxSH/?format=pdf&lang=pt>
- Blankenheim, T., Menegotto, L. M. O., & Silva, D. R. Q. (2018). Homoparentalidade: Um diálogo com a produção acadêmica no Brasil. *Fractal: Revista de Psicologia*, 30(2), 243-249. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i2/5560>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Brasil. (2016). *Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil: Ano de 2013*. Secretaria Especial de Direitos Humanos. <https://direito.mppr.mp.br/arquivos/File/RelatorioViolenciaHomofobicaBR2013.pdf>
- Canção, H. P. (2015). *Os novos tipos de família e novo método de avaliação em saúde da pessoa: Apgar saudável* [Tese de doutorado, Universidade de Coimbra]. Repositório Científico da UC. <https://eg.uc.pt/handle/10316/25995>
- Fender, M. F. (2016). *A experiência e os desafios da adoção por pais que se declaram homossexuais* [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUCSP. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19382>
- Gato, J., Freitas, D., & Fontaine, A. M. (2012). Atitudes relativamente a homoparentalidade de futuros/as intervenientes da rede social. *Psicologia*, 26(1), 71-95. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v26i1.263>
- Gorin, M. C., Mello, R., Machado, R. N., & Carneiro, T. F. (2015). O estatuto contemporâneo da parentalidade. *Revista Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 16(2), 3-15. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000200002

- Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In L. Solis-Ponton (Ed.), *Ser pai, ser mãe. Parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio*. (pp. 47-51). Casa do Psicólogo.
- Lira, A. N. (2012). *A vivência do projeto parental das famílias homoeróticas femininas: Uma investigação fenomenológica sartreana* [Dissertação de mestrado, Universidade de Fortaleza]. BDTD. http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFOR_00f2dab373e2d7a7fbb34c1cc6e93d6
- Machin, R. (2016). Homoparentalidade e adoção: (Re) afirmando seu lugar como família. *Psicologia & Sociedade*, 28(2), 350-359. <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p350>
- Marchi-Costa, M. I. (2017). *Homoparentalidade e gênero: Vivência cotidiana e relações familiares* [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUCSP. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20538>
- Martinez, A. L. M. (2011). *Considerações sobre o psicodinamismo de famílias homoparentais femininas: Uma visão psicanalítica* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital USP. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-23102013-140426/es.php>
- Michels, E., & Mott, L. (2019). *Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil – Relatório 2018*. Grupo Gay da Bahia. <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contra-lgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>
- Pontes, M. F. (2011). *Desejo por filhos em casais de mulheres: Percursos e desafios na homoparentalidade* [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro]. Repositório PUCRio. https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/37404/37404_1.PDF
- Ribeiro, L. J. (2018). *A experiência parental de casais homoafetivos: Uma abordagem psicanalítica* [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas]. TEDE. <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/1178>
- Ribeiro, C. M., Mendes, L. R., Couto, D. P., & Azevedo, J. M. (2017). Homoparentalidade: Reflexões sobre a constituição psíquica da criança adotada. *Estilos da Clínica*, 22(3), 522-539. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v22i3p1-18>
- Rodriguez, B. C. (2017). *Parentalidade e adoção em casais de homens: Uma análise psicanalítica vincular* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-20042017-163319/pt-br.php>
- Rodriguez, B., & Gomes, I. (2012). Novas formas de parentalidade: Do modelo tradicional à homoparentalidade. *Boletim de Psicologia*, 62(136), 29-36. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432012000100004
- Santos, E. C., & Santana, G. (2015). Adoção homoparental e preconceito: Crenças de estudantes de direito e serviço social. *Temas em Psicologia*, 23(4), 873-885. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.4-07>
- Shenkman, G., Bos, H., & Kogan, S. (2009). Attachment avoidance and parenthood desires in gay men and lesbians and their heterosexual counterparts. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 37(4), 344-357. <https://doi.org/10.1080/02646838.2019.1578872>
- Silva, D. A. (2013). *Enfim mães! Da experiência da reprodução assistida à experiência da maternidade lésbica* [Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. BDTD. http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_b55411d4ca2e219a5e9fada0014e35e3

- Silva, J. A., Sousa, A. M. B. D., & Fernandes-Eloi, J. (2017). Homoparentalidade no contexto da adoção e das práticas parentais: Uma revisão sistemática. *Pensando Famílias*, 21(2), 60-75. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000200006
- Souza, D. C., Coelho, I. M., Martins, F. S., & Honorato, E. J. S. (2018). Assassinatos de LGBTs no Brasil – Uma análise de literatura entre 2010-2017. *Revista Periodicus*, 10(1), 24-39. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i10.27919>
- Tate, D. P., & Patterson, C. J. (2019). Desire for parenthood in context of other life aspirations among lesbian, gay, and heterosexual young adults. *Frontiers in Psychology*, 28(10), 1-10. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02679>
- Temperini, C. A. T. (2018). *Família camaleão: Adaptação, mudanças e desafios da homoparentalidade* [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUCSP. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20976>
- Tombolato, M. A. (2014). *Desvelando a família homoparental: Um estudo sobre os relatos de casais homossexuais com filhos* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho]. Repositório Institucional UNESP. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/110913>
- Vitule, C., Machin, R., & Couto, M. T. (2017). Práticas reprodutivas lésbicas: Reflexões sobre genética e saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, 22(12), 4031-4040. <https://doi.org/10.1590/1413-812320172212.06722016>
- Wanssa, M. C. D. (2010). Inseminação artificial e anonimato do doador. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 10(2), 337-345. <https://doi.org/10.1590/S1519-38292010000600011>
- Winnicott, D. W. (1975). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: D. W. Winnicott, O brincar e a realidade (pp.153-162). Imago. (Original publicado em 1967).
- Xavier, P. A., Alberto, I. M., & Mendes, F. E. (2015). Homoparentalidade: Da abordagem científica aos normativos legais em Portugal. *Psicologia & Sociedade*, 27(1), 179-188. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n1p179>
- Zanardo, L. B. (2014). *Laços de afeto: As homoparentalidade pela via da adoção* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório Institucional UNESP. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/116025>

Endereço para correspondência

tatielejbossi@gmail.com

Enviado em 20/10/2020

1ª revisão em 20/01/2022

2ª revisão em 01/02/2022

Aceito em 10/03/2022